

porque a idéia de anarquismo é necessária para a sociedade japonesa: uma carta do japão¹

misato toda*

Você ainda se lembra do verão de 1976? Foi no fim de maio que nos encontramos pela primeira vez, em Caserta, cidadezinha tradicional do sul da Itália, com um enorme palácio construído no século 18, pela dinastia dos Bourbons. A cidade se situa num distrito suburbano de Nápoles, a antiga capital dos Bourbons até a unificação da Itália, em 1860. Tanto você quanto eu éramos membros editoriais do “*Quotidiano dei lavoratori*” (Cotidiano dos Trabalhadores), um pequeno jornal da Nova Esquerda, muito ativa também na Itália. Você tinha dois filhos, uma menina e um menino, e toda sua família vivia no quarto andar de um apartamento grande, se não me engano. Na sua casa, à tardezinha, costumava haver discussões calorosas entre seus amigos, a maioria dos quais dividia as tarefas editoriais, enquanto outros eram ainda estudantes. Não me lembro quem me levou para casa, provavelmente Marisa,

* Professora na Universidade de Dunkyo, Japão. Autora de *Errico Malatesta da Masxine à Bakunin. La sua formazione giovanile nell'ambiente napoletano (1868-1873)*. Napoli, Guida, 1988.

uma feminista apaixonada, que vivia e trabalhava em Benevento, uma outra cidadezinha perto de Caserta.

Nesta época, eu tinha apenas começado minha pesquisa sobre a vida e pensamento de Errico Malatesta (1853-1932), anarquista, que pertenceu à geração criada durante o período da Unificação Italiana. Ele nasceu em Santa Maria Capua Vetere, uma cidadezinha perto de Caserta, numa família abastada. Quando estudava medicina na Universidade de Nápoles, iniciou suas atividades políticas, associando-se à Seção Napolitana da Internacional dos Trabalhadores (Primeira Internacional). Por mais de 50 anos, ele foi uma das figuras mais famosas do movimento anarquista internacional. Até se diz que sua própria vida representa o anarquismo italiano.

Quando tinha 7 anos de idade, a Itália se unira como um “Estado-nação” moderno, sob o reino de Savóia de Piemonte no Norte. Este fato significou que o sul da Itália foi praticamente conquistado pelo norte. Antes da Unificação, sobretudo, antes da formação do Estado-nação, o sul — tendo pertencido ao território dos Bourbons — tinha mais ou menos desenvolvido sua própria cultura; política e economicamente, a área se tornara independente. Depois de 1860, o sul passou por uma profunda mudança em sua vida econômica, política e social: Nápoles deixou de ser a capital e tornou-se uma mera cidadezinha; um sistema tributário pesado e de cadastro geral foi introduzido; e a política alfandegária unificada destruiu a indústria do sul. Ao contrário, as cidades do norte como Milão, Turim e Gênova se tornaram altamente industrializadas. Quanto mais o norte enriqueceu, tanto mais o sul empobreceu. De fato, a política governamental fez o sul tornar-se uma colônia interna do norte, na Itália “moderna”, “nação” Estado. Naturalmente, o povo do sul sofreu com a po-

Porque a idéia de anarquismo é necessária à sociedade japonesa...

breza e a discriminação social. A situação seria similar aos problemas atuais entre o sul e o norte no contexto global.

Errico Malatesta cresceu nesta atmosfera de agonia e tristeza no sul. Com simpatia pelo povo e ódio da injustiça social, começou sua busca por uma sociedade em que todos pudessem se amar na felicidade e, ao mesmo tempo, procurou seu próprio modo de vida, com o qual poderia encontrar relações pacíficas com os outros. Este foi seu primeiro passo ao pensar nos problemas sociais, enquanto considerava seu próprio modo de vida individual. Ele olhou em volta: aqui havia crianças passando fome, velhos tremendo de frio... De início, simpatizando com as idéias de Mazzini e Garibaldi, acreditou que um estado republicano poderia assegurar a felicidade para o povo. Então, em 1871, sob a influência do movimento revolucionário da Comuna de Paris, tornou-se anarquista e membro da Seção Napolitana da Primeira Internacional. Descobriu claramente que o inimigo real do povo sofredor era o Estado e o Capital.

Quando eu a encontrei, costumava visitar os Arquivos Estaduais de Caserta, desejando esclarecer, pelos documentos históricos, o processo que levou Malatesta a tornar-se anarquista, isto é, um socialista a seu modo. Uma noite antes de minha partida, você me convidou para jantar num velho restaurante no topo da montanha das redondezas. Nós falamos muito seriamente sobre os problemas políticos e sociais tanto da Itália quanto do Japão, e da situação internacional da Europa e da Ásia. Nós também discutimos nossa história. No final, Giulio me perguntou: “Misato, por que a idéia de Errico Malatesta é necessária para o povo japonês? Você disse que a sociedade japonesa é muito autoritária. Por que a idéia de anarquismo é necessária para aqueles que pa-

recem estar felizes com o Imperador Hiroito? Por favor, escreva um artigo sobre esse tema para nosso jornal.”

Prometi escrever, dizendo: “Mas não agora. Preciso aprofundar minhas idéias. Quando elas estiverem amadurecidas, escreverei e enviarei a você.” Eu me lembro muito bem de seu rosto pensativo ao responder: “Sim, eu sei. Somente quando as idéias estão maduras, é que podemos pô-las no papel. Eu espero, Misato...”

Sem ter respondido à sua pergunta, em 1988, publiquei um pequeno livro em italiano. Era o primeiro fruto de minha investigação sobre a vida e pensamento de Errico Malatesta. O livro se chama: *Errico Malatesta de Mazzini a Bakunin. Sua formação juvenil no ambiente napolitano (1868-1873)*, Napoli, Guida Editore. Se eu soubesse seu endereço hoje, enviá-lo-ia a você. Quero muito saber sua opinião sobre meu livro. E provavelmente hoje, estou em condições de responder às perguntas de Giulio: por que é necessário para o povo japonês, especialmente para a juventude, compreender as idéias de Errico Malatesta, sobretudo seus pensamentos sobre a Anarquia e o Anarquismo? Eu gostaria de começar com a história da modernização japonesa.

Em 1868, o Japão formou um estado “moderno”, sob o nome de “Grande Império Japonês”, com Meiji Tenno no trono. Foi um período no qual as grandes potências européias estavam procurando suas colônias, ou esferas de influência na Ásia, África e Leste. Confrontando a situação política internacional, o recém-formado estado do Japão foi obrigado a enriquecer e possuir uma força militar poderosa, para não perder sua independência. Portanto, era indispensável que os líderes do novo governo concentrassem todo o povo em torno deste objetivo nacional. Com perspicácia, os líderes usaram a família Tenno, que tinha previamente desempe-

Porque a idéia de anarquismo é necessária à sociedade japonesa...

nhado um papel mais ou menos importante na sociedade japonesa, criando um novo Sistema Tenno, de modo a atrair e concentrar as atenções populares. Oprimindo o Movimento de Liberdade e Direitos Populares, a Constituição do Grande Império Japonês (Constituição Meiji) publicada em 1889, definiu o Imperador como um deus vivo. Era uma ficção. Mas nos livros das escolas primárias, até o final da Segunda Guerra Mundial, Tenno era representado, senão diretamente traduzido, como “deus na figura de homem” (arahitogami, ou deus vivo); e também se escrevia que o “Japão era um país de deuses”.

Eu me pergunto como: “deus na figura de um homem” pode ser responsável pela soberania de um estado moderno? Agora que escrevo sobre este fenômeno, isto parece ridículo. Contudo, até agosto de 1945, quando o Grande Império Japonês foi derrotado, o povo japonês era obrigado a acreditar no sistema Tenno, como mencionei acima. Nesse contexto, deveriam ser entendidas as idéias da sra. Suga Kanno, um dos líderes do movimento anarquista japonês. Ela ensinava que era importante para o povo que Tenno fosse considerado um homem comum, e não um espírito ou deus. O resultado foi que ela morreu como uma mártir por sua fé na liberdade. Ela precisou morrer, porque tinha tocado na chave secreta do sistema Tenno, cujo caráter ficcional está claro hoje para todos.

Vou contar-lhe minhas experiências pessoais. Quando eu estava na escola primária, acreditava no que me era ensinado: que o Japão era um país de deuses e Tenno um tipo de deus. Nessa época, meninos e meninas eram persuadidos de que deveriam morrer por Tenno porque eles eram todos crianças (sekishi) de Tenno; portanto, era natural dedicar sua vida a Ele sem nenhuma hesitação. Do mesmo modo psicológico, os jovens deveriam

ir ao campo de batalha morrer como Kamikaze (o vento dos deuses). Finalmente, veio o dia 15 de agosto de 1945, quando eu estava no sexto ano do primário. Para nossa surpresa, em apenas algumas semanas todos os professores que haviam elogiado Tenno como um deus vivo, de repente começaram a falar sobre democracia!!

O Japão foi ocupado pelas forças militares norte-americanas. Os líderes americanos queriam fazer do Japão um país democrático, mas sem abolir o sistema Tenno num sentido amplo, porque tinham medo de que o povo se tornasse revolucionário, ou de que a situação ficasse caótica sem aquele sistema do qual o povo estava acostumado a ser dependente. Mas como resultado desta política, nasceu uma grande contradição: enquanto o povo japonês recebeu pela primeira vez em sua história os direitos humanos de livre discussão e determinação de suas decisões, esperava-se que eles permanecessem dependentes do modo tradicional de pensamento. Como resultado do sucesso da ocupação americana no Japão, a política de manter Tenno foi extremamente útil; funcionou quase que milagrosamente para manter o povo obediente. Embora Hirohito Tenno declarasse que não era mais um deus, mas apenas um homem, e embora na nova constituição, ele deixasse de ser um soberano, mas apenas um mero símbolo do Estado, um remanescente da antiga estrutura psicológica que havia habitado o povo permaneceu.

O moderno Estado japonês foi estabelecido, assim como outros países do mundo, sob uma certa ficção, usando-se elementos históricos (mas ainda fictícios) na sociedade. O estado foi formado como se fosse uma grande família. No topo, havia um deus vivo, Tenno, cujo trono se justificava apenas pelo mito (mas na vida interna de um Tenno poderia ser a Fé) de que seu antecessor era a deusa do Sol (Amaterasu-omikami). O

Porque a idéia de anarquismo é necessária à sociedade japonesa...

governo Meiji fez um grande esforço para implantar este mito entre o povo, especialmente através do ensino obrigatório. Não é preciso dizer que a educação das forças militares japonesas foi feita deste modo. Poderia ser dito que por volta da Guerra russo-japonesa de 1904-5, este esforço dos líderes japoneses tinha produzido frutos suficientes para construir um estado mental psicológico comum entre o povo. Segundo esta ilusão, todos deveriam parecer crianças na frente de Tenno, que deveria amar a todos igualmente.

Mas a realidade foi cruel. Uma vez que o mito foi imposto à sociedade real, o mundo de suas “crianças” não era igual, mas altamente hierárquico, porque as distribuições sociais eram estimuladas de acordo com a distância do trono de Tenno. Além do mais, a grande família fictícia japonesa estava baseada no atual sistema familiar japonês, no qual o pai era o superior, como se ele fosse um pequeno Tenno — e os membros machos da família fossem superiores às mulheres. Cada família patriarcal deveria ser um elemento da grande família nacional patriarcal. Cada membro da família deveria ser obediente ao seu próprio pai, assim como ao Pai Nacional. Não havia lugar algum para a liberdade individual, especialmente para as mulheres.

Hoje, se pensarmos logicamente, teremos dúvidas sobre como Tenno, sendo um meio deus e portanto não um homem real, poderia ter responsabilidade soberana do tipo ocidental num estado moderno, em imitação do qual o Império japonês foi construído. Não é preciso dizer que, no modelo ocidental, todos os membros do estado são seres humanos, incluindo-se o rei ou o imperador. Portanto, poderia ser dito que o trono de Tenno, como foi expresso na Constituição Meiji, estava vazio; que a ele, como um deus vivo, não era permitido assumir nenhuma responsabilidade, porque o

trono era tão sagrado que seria destruído pelos erros humanos. De fato, na história do Império japonês, o sistema Tenno provou ser o da irresponsabilidade. Um bom exemplo são os militares japoneses: toda ordem era dada em nome de Tenno, no entanto, ninguém aceitava a responsabilidade final. Isto se passou cada vez mais até que atingiu finalmente o trono sagrado e vazio.

Este fato revela que o sentido de responsabilidade humana pode nascer somente nas profundezas da liberdade individual, com a qual cada um decide seu próprio papel de acordo com sua vontade, isto é, sem autonomia e auto-determinação, nunca teria nascido nenhum sentimento de responsabilidade. No Império japonês da constituição Meiji, não havia espaço para ninguém realizar sua liberdade individual e social inevitáveis para a construção de uma sociedade feliz.

Este sistema político foi quebrado em 15 de agosto de 1945. No sexto ano da escola primária, testemunhei a quebra desse velho sistema. O que eu havia aprendido e acreditava foi negado numa única noite. Nunca me esquecerei da seguinte cena: na classe, os alunos estavam apagando com a caneta um grande número de palavras e frases nos seus livros. Algumas páginas ficaram totalmente negras. As partes apagadas eram, segundo as forças da ocupação americana, perigosas e maléficas para a democratização japonesa por causa da expressão do militarismo ou do pensamento reacionário. O professor ditava e os alunos pintavam a parte em preto. Era como um cerimonial de enterro do antigo sistema ficcional. Durante este processo, contudo, nós vimos professores negarem aquilo que eles nos tinham previamente ensinado como verdade absoluta. Foi uma experiência dolorosa. Do fundo do meu coração, decidi que nunca mais acreditaria em tais adultos que traem a confiança que as crianças depositam neles; e que eu

Porque a idéia de anarquismo é necessária à sociedade japonesa...

nunca me tornaria um adulto deste tipo. Provavelmente, neste momento, eu renasci como um novo ser que estava começando a procurar por um “verdadeiro eu”, que não seria incompatível com a existência de outros seres humanos.

É claro que nessa época eu ainda não tinha me dado conta tão claramente da situação. Como uma menina de 12 anos, apenas intui minhas circunstâncias. Contudo, por causa da experiência de ter visto simultaneamente o fim de um período histórico e o começo de uma nova era, quase 40 anos depois, pude ser capaz de entender muito bem a situação em torno do jovem Errico Malatesta. Ele também viu, com seus próprios olhos, o fim do reino dos Bourbons e o começo de um novo momento histórico: a transição política, econômica e cultural de um sistema de valores. Com ódio, ele viu alguns adultos serem cooptados pelo novo sistema de poder para satisfazer desejos egoístas e a mágoa de outros. Nesta situação caótica, ele começou a procurar seu próprio caminho; primeiro como um sonho infantil, depois com mais certeza, ele perseguiu uma revolta moral contra a injustiça social.

Em 1925, no momento preciso de ascensão de Mussolini, ele escreveu as seguintes frases em seu jornal “*Pensiero e Volontà*”, que deveria ser calado um ano depois de opressão fascista: “A *Anarquia* é um modo de vida coletivo, no qual todos os homens e mulheres vivem como irmãos e irmãs, sem oprimirem-se ou explorarem-se, e cada um pode obter os meios que a civilização neste estágio histórico é capaz de prover, de modo a conseguir o desenvolvimento moral e material de mais alto nível; e *Anarquismo* é um método de realizar a *Anarquia*, através da liberdade e sem nenhum governo, isto é, sem autoridades que imponham, mesmo que com boas

intenções, seus próprios desejos sobre os outros pela força”.

Aos setenta e dois anos, ele escreveu seu profundo *insight*: “O que é importante e define os anarquistas é seu sentimento e aspiração pela liberdade e bem-estar para todos, e seu amor por todo o povo”. No esforço de realizar a liberdade mais radical, ele deu forte ênfase à vontade do indivíduo: “A *Anarquia* é... aspiração humana; se vai realizar-se ou não depende, da vontade humana”.

Esta expressão é muito simples e clara para não ser compreendida. Na situação crítica em que a liberdade de cada um deveria ser suprimida pelo fascismo italiano, ele cristalizou a essência desta idéia, que deveria ter sido a herança da luta humana por liberdade, autonomia e auto-determinação contra o poder, empreendida por gerações. O Anarquismo nasceu na Europa na metade do século XIX, quando a concentração do poder estatal (dentro do sistema militar e da burocracia) emergiu junto com o poder capitalista. No século XX, confrontando a maior concentração do poder do Estado e do capital, Errico Malatesta propôs uma revolução humana do amor: “O programa anarquista, baseando-se na solidariedade e no amor, vai além da própria justiça... o amor facilita tudo o que é possível e sempre dará mais... Faça como você deseja que seja feito pelos outros (sobretudo faça o melhor possível); isto quer dizer que o que os cristãos chamam de caridade, nós chamamos de solidariedade: nada mais é do que amor”.

Parece-me que ele queria mudar toda a ordem hierárquica das relações sociais, continuamente criando uma nova relação entre homens e homens, entre homens e mulheres, entre mulheres e mulheres, através do amor e da solidariedade. De acordo com o testemu-

Porque a idéia de anarquismo é necessária à sociedade japonesa...

nho de Luigi Fabbri, seu antigo colaborador em vários aspectos do movimento, a idéia anarquista de Malatesta era completamente coerente com seu sentimento revolucionário, sua sensibilidade e seu profundo sentimento de amor. Em minha opinião, ele foi fiel a si mesmo, e desejava cooperar com os que eram fiéis a si mesmos.

Se um ser humano é fiel à sua consciência, ele/ela seria suficientemente sensível para perceber que alguns podem se inclinar para as várias formas de poder, não importa quão pequeno seja, para dominar outros; e ele/ela seria capaz de ter uma chance de superar tal tendência para o poder, se fosse encorajado por seu próprio sentimento de solidariedade. Portanto, sem a liberdade da consciência e a liberdade de exprimir livremente sua consciência, não haveria espaço para criar uma sociedade baseada na igualdade, sem nenhum tipo de discriminação social. A Anarquia, portanto, é a liberdade na forma mais radical do humanismo; nascida primeiro na consciência humana e no sentido de moralidade de cada pessoa; depois, desenvolvida através da solidariedade entre os povos, sempre respeitando a autonomia e a auto-determinação de cada um. O princípio é também sempre o mesmo para os grupos em diferentes áreas ou distritos. Não importa a que grupo nacional ou étnico se pertença, a autonomia deve ser respeitada por outros grupos; e não importa que sexo se tenha, sua auto-determinação deve ser respeitada. Sem nenhuma dominação social, os seres humanos podem organizar relações livres e igualitárias entre si através da autonomia e da solidariedade. — Este foi o princípio estabelecido quando a Primeira Internacional começou: a Associação Internacional dos Trabalhadores, fundada na Europa em 1864, no coração do moderno sistema estatal ocidental. Na Europa, enquanto o poder do Estado se fortalecia, a resistência do povo se

intensificou. Assim, a Primeira Internacional ultrapassou as fronteiras do Estado, tornando-se internacional.

Ao contrário, no Japão, o Estado moderno se formara sobre um mito: a origem divina do poder de Tenno derivava do mito de que seus ancestrais eram deuses e de que a família Tenno tinha sempre governado o país desde tempos desconhecidos. Portanto, o governo dizia, devemos obedecer a este deus vivo. O anacronismo é tão claro aos nossos olhos hoje, mas o sistema funcionava muito bem. Uma das razões era que o governo não permitia ao povo a liberdade de pensar livremente; negava-lhe a liberdade de consciência. É claro que houve resistências entre o povo. No entanto, o governo, enquanto oprimia o movimento consciente do povo, em 1890, introduziu o princípio da educação nacional na forma do decreto de Tenno: que cada um se dedique a Tenno e ao Estado japonês. Outra ordem de Tenno foi estabelecer a Universidade Imperial como o mais alto órgão da educação nacional, afirmando que ela deveria instruir os estudantes a serem úteis para o Estado japonês. Portanto, enquanto a tecnologia ocidental e a idéia de poder político haviam sido ansiosamente importadas, a idéia da resistência popular era cuidadosamente rejeitada. Ainda hoje esta tendência subsiste persistente em nossa sociedade.

Outro motivo foi a situação internacional. O tempo de formação do Império japonês em 1868 estava apenas na véspera do período imperialista. O Japão poderia ser conquistado, como tinha sido a Índia, ou semi-conquistado, como fora a China pelos grandes poderes europeus. O povo sabia que a pátria estava em perigo iminente, especialmente — sentia-se — no período da Guerra Russo-japonesa. Os sentimentos populares foram explorados pelos líderes do sistema Tenno, incluindo os militares.

Porque a idéia de anarquismo é necessária à sociedade japonesa...

A terceira razão era a tradição da história feudal japonesa, na qual o Japão havia fechado o país para quaisquer poderes estrangeiros depois de 1639. Um ano depois, o governo militar japonês reprimiu sangrentamente a grande insurreição dos cristãos japoneses no sul do Japão. A liberdade de crença não poderia mais existir. Cada um deveria obedecer somente às ordens da autoridade feudal, que era chamada Okami (topo da hierarquia). Embora o Japão estivesse formalmente aberto com a Restauração Meiji, a mentalidade feudal permaneceu: sob o mesmo nome, Okami, a autoridade feudal foi substituída pelo Tenno, que facilmente ocupou um lugar sublime na psicologia do povo.

Vou relatar-lhe um episódio. Dois anos atrás, eu participava de um seminário de verão com meus estudantes no norte do Japão. Uma dezena de estudantes estrangeiros de vários países que estavam estudando nas universidades japonesas também participavam, inclusive coreanos, chineses, indonésios e iranianos. Uma noite, tivemos uma sessão livre, da seguinte maneira: cada estrangeiro, depois de se apresentar, fazia perguntas sobre sua experiência na sociedade japonesa; os estudantes japoneses, por seu turno, depois de se apresentarem, procuravam responder. O resultado foi muito interessante: todos nós estávamos começando a pensar por que o povo e a sociedade japonesa era tão anti-comunicativa. Por exemplo, um estudante estrangeiro perguntou: “Por que os japoneses têm atitudes ambíguas?": Um amigo japonês convidou-o, dizendo: “Por favor, venha à minha casa”. Então, ele foi à casa do amigo um dia: o amigo disse “Seja bem-vindo”, mas do outro lado do portão, o japonês perguntou: “você tem algum negócio comigo?”. Ele estava tão assustado que não sabia como comportar-se...

A maioria dos estudantes estrangeiros teve uma experiência similar com o povo japonês e parecia ter experimentado, no Japão, a diferença entre a intenção real e a pretensa. Eles desejavam mostrar, penso eu, que deste modo seria quase impossível construir uma relação real com o outro, porque ninguém pode contar com atitudes tão ambíguas. Se uma pessoa não é sincera para si nem para os outros, ela não pode comunicar-se com ninguém, porque uma relação verdadeira está baseada no coração de cada um, no seu verdadeiro eu.

Afim de responder aos estudantes estrangeiros, vários japoneses referiam-se à história da política fechada durante a era feudal e terminavam com a Restauração Meiji; uma vez que a sociedade estivera sob estrito controle das autoridades, o povo fechara seus corações e exprimia suas verdadeiras opiniões somente entre pessoas nas quais acreditassem; embora o Japão tivesse aberto depois da Modernização, permanecia a mentalidade tradicional. Outros acrescentaram que mesmo depois, sob o sistema Tenno, não havia chance de exprimir livremente suas opiniões em público; todos escondiam suas intenções reais em público, de outro modo seria perigoso. Nós calculamos desde que o Japão entrara em isolamento nacional, em 1639, até a Restauração Meiji, em 1868, quase 230 anos haviam-se passado; de 1868 até 1988, exatamente 130. Obviamente, o período de isolamento fora um século mais do que o tempo que se sucedeu. Portanto, a mentalidade ambígua passou de geração a geração, por mais de dois séculos; enquanto que menos de quatro gerações haviam passado desde o tempo da abertura política; e depois de 1945, apenas menos de duas gerações! Todos nós compreendemos o quão severa a situação poderia ficar

Porque a idéia de anarquismo é necessária à sociedade japonesa...

para as gerações mais jovens (e para as gerações que viessem).

Queridos Carla e Giulio, minha carta está ficando muito longa. Contudo, ainda tenho muitas coisas para dizer, especialmente sobre o sistema de controle educacional que atinge a geração jovem com violência tanto física, quanto psicológica. Darei apenas um exemplo: há pouco tempo uma garota foi morta no portão do colégio depois de ter sido presa no pesado portão de ferro. A pessoa que cuidadosamente empurrara a porta era seu professor. Ele queria deixar de fora os alunos que estivessem atrasados para a aula. O novo sistema educacional, modelado segundo os princípios americanos de pós-guerra, hoje parece haver sido revertido para um tipo de “militarismo educacional”, especialmente no colégio. Os professores controlam o comportamento dos alunos em todos os aspectos (examinando o tamanho do cabelo, das saias, a cor das meias, etc.), sob o cuidado do diretor (principal), que em troca, deveria obedecer às diretrizes do Ministério da Educação, isto é, o governo e os líderes políticos. Obviamente, eles querem ganhar os jovens obedientes para suas causas. Assim também os líderes econômicos. Eles querem ter soldados capitalistas que se dediquem à atividade industrial, sem levar em conta sua vida privada ou social. Isto quer dizer que hoje, também o estado e o capital são inimigos da felicidade, da liberdade e da autonomia. Além do mais, eles querem usar o novo Tenno e sua família para reorganizar a sociedade japonesa sob o nome de “tradição”. Principalmente o Estado e o Capital do Japão utilizam os defeitos tradicionais que foram historicamente formados, como vimos acima, na sociedade japonesa, para produzir uma nova estrutura social de discriminação.

Hoje, o povo japonês, afim de reconquistar sua autonomia contra tais violências perpetradas pelo Estado e

pelo Capital, deveria, acima de tudo, perceber sua situação real, porque sem esta percepção, ninguém poderia perceber que “eu estou perpetuando a violência do Estado e do Capital inconscientemente”. Uma vez que se percebe isto, pode-se mudar e escolher sua própria maneira de não cooperar com tal violência social. A idéia de Anarquismo e de Anarquia de Errico Malatesta poderia servir ao povo japonês para encontrar seu próprio caminho num processo de reconquistar sua própria liberdade e autonomia, a fim de descobrir a solidariedade real com todos os outros povos no mundo. É portanto uma das mais distintas tradições da sabedoria humana na história moderna da Europa.

Escrevi esta carta durante o período da cerimônia de coroação do novo Tenno no Japão. Enquanto se realizava a cerimônia, sob estrita guarda policial (contra os movimentos radicais), alguns jornais asiáticos exprimiram sua ansiedade de que o Tenno, uma vez mais, poderia obter o status de um “deus vivo”. O povo asiático lembra-se muito bem da agressão dos militares japoneses sobre seu país, sob o nome de Tenno, ou do deus vivo; e eles foram forçados a acreditar neste mito e ficção. O sistema Tenno da Constituição Meiji tinha uma dupla face: internamente, era um sistema de violência social, enquanto externamente, funcionava como um mecanismo de agressão. Sua essência era forçar seus próprios sistemas de valores sobre os outros a fim de manipulá-los, enquanto privava-os da autonomia e auto-determinação indispensáveis para formar a personalidade humana e inevitáveis para organizar as comunidades. O sistema era totalmente oposto ao modelo social de autonomia e solidariedade no Anarquismo. Se o novo Tenno se torna ou não um deus vivo, sustentado pela “tradição” fictícia, depende apenas do desejo do povo japonês.

Porque a idéia de anarquismo é necessária à sociedade japonesa...

Hoje, durante um período crítico na história, todos nós devemos cooperar globalmente para conseguir a paz na terra. Contudo, não podemos fazer nada mais do que começar por nós mesmos. Errico Malatesta foi um homem que começou por si mesmo, e mostrou ao povo como ele sentia e pensava através de feitos e palavras até onde foi capaz, de modo a criar uma relação humana na qual aplicasse tanto a autonomia quanto a solidariedade. E ele foi fiel a si mesmo durante a sua vida. Ele não foi um adulto falso. Portanto, posso acreditar nele, mesmo que tenha cometido alguns erros. Este pode ser um dos principais motivos pelos quais eu gostaria de apresentar suas idéias para os japoneses, especialmente para os jovens.

Novembro de 1990

Nota

¹ Tradução de Margareth Rago

RESUMO

Carta de uma anarquista japonesa, a dois amigos, sobre a importância de Malatesta e sua atualidade para os jovens no Japão. Ressalta, diante da eficaz educação tradicional para a subserviência a força dos costumes anarquistas como ruptura na cultura da obediência.

ABSTRACT

Carta de uma anarquista japonesa, a dois amigos, sobre a importância de Malatesta e sua atualidade para os jovens no Japão. Ressalta, diante da eficaz educação tradicional para a subserviência a força dos costumes anarquistas como ruptura na cultura da obediência.